

RESSONÂNCIAS DA MEMÓRIA: TRAJETÓRIAS E DESLOCAMENTOS EM *PONCIÁ VICÊNCIO* E *BECOS DA MEMÓRIA*

Alicia de Sousa Macário ¹

Monalisa Valente Ferreira ²

(UNILAB-CE)

RESUMO

O presente trabalho propõe trazer uma análise em obras literárias, com o intuito de identificar as formas estéticas e ideológicas de se apresentar, nas narrativas o apagamento e a invisibilização de sujeitos negros na literatura afro-brasileira mediante análise de dois romances, *Ponciá Vicêncio* (2003) e *Becos da Memória* (2006), da escritora Conceição Evaristo (1946). Para esse trato, parte-se primeiramente de uma perspectiva intrínseca da narrativa para verificar o movimento da memória e dos deslocamentos dos corpos de duas personagens: *Ponciá Vicêncio* e *Maria-Nova*. Nesse sentido, pretende-se também aliar um contexto histórico-sociológico ao investigar as trajetórias entrelaçadas às suas experiências de marginalização, desraizamento que evidenciam as mazelas de um sistema excludente e invisibilizador daqueles sujeitos na literatura e na sociedade brasileira. As narrativas de Evaristo selecionadas para o referido estudo possibilitam verificar os processos configuradores de uma escrita afro-brasileira, com inserção da memória como forma de dar voz a sujeitos silenciados, e também pensar questões centrais sobre temática e autoria afro feminina. A pesquisa adota uma abordagem qualitativa e comparativa entre as obras, ancorada no suporte teórico preferencialmente de estudiosas femininas que contribuem ativamente nas temáticas sobre literatura negra, apagamento e valorização da memória como ato de resistência, como Gonzalez (2020), Bernd (1988), Santiago (2011) dentre outros que contribuem efetivamente para essas discussões no cenário conceitual e epistemológico, tal como transita Eduardo de Assis Duarte.

Palavras-chave: Literatura Afro-Brasileira; Conceição Evaristo; Memória; Deslocamentos

ABSTRACT

This study proposes an analysis of literary works with the aim of identifying the aesthetic and ideological forms through which the erasure and invisibilization of Black subjects are presented in

¹ Graduanda do curso de Licenciatura em Letras-Língua Portuguesa da UNILAB-CE, do Instituto de Linguagens e Literaturas.

² Professora Dra. Associada IV da UNILAB-CE, atuante no curso de Letras-Língua Portuguesa do Instituto de Linguagens e Literaturas.

Afro-Brazilian literature. It focuses on two novels by writer Conceição Evaristo (1946): *Ponciá Vicêncio* (2003) and *Becos da Memória* (2006). The analysis begins with an intrinsic perspective of the narrative in order to examine the role of memory and the displacements of two characters: Ponciá Vicêncio and Maria-Nova. In this sense, the study also seeks to connect a socio-historical context by investigating the trajectories interwoven with their experiences of marginalization and uprooting, which highlight the harsh realities imposed by a system that excludes and silences such subjects in both literature and Brazilian society. The selected narratives by Evaristo allow for an examination of the processes that shape an Afro-Brazilian literary writing, incorporating memory as a means of giving voice to silenced subjects, while also reflecting on central issues related to Afro-Brazilian female authorship and thematic concerns. The research adopts a qualitative and comparative approach between the two works, grounded primarily in the theoretical contributions of Black women scholars who actively engage in discussions on Black literature, erasure, and the valorization of memory as an act of resistance such as Gonzalez (2020), Bernd (1988), Santiago (2011), among others as well as Eduardo de Assis Duarte, who contributes significantly to these conceptual and epistemological discussions.

Keywords: Afro-Brazilian Literature; Conceição Evaristo; Memory; Displacements

INTRODUÇÃO

Apesar de existirem inúmeras discussões referentes a uma literatura que envolva temáticas sociais, é crucial compreender como essas representações foram construídas ao longo do tempo, as tentativas de escamoteamento, inclusive por parte da história literária brasileira, as resistências de quem desejava uma mudança de paradigma e as persistências ainda reinantes no que concerne a segmentos específicos representativos da linha diretriz do presente trabalho: a literatura negra de autoria feminina.

Na esteira de discussões de tais pautas no Brasil, percebe-se que por muito tempo há/havia uma perspectiva de grupo social elitista, não excluindo desse rol a própria crítica literária, sinalizadora de critérios que atendiam à base canônica em voga, o que, de certa maneira, favorecem o deixar à margem a elaboração diferenciada da recorrente simbólica da literatura dita universal. Essa marca pode revelar, além da percepção de uma quase ausência de materiais publicados por determinados movimentos de força motriz na história literária brasileira, a também violência simbólica nas formas de acesso e de como os representam, uma vez que se estabeleciam com a utilização de pilares excludentes.

Na tentativa de permanecer silenciando as vozes, as representações perpetuavam nas produções um conjunto de estereótipos que marcava determinados sujeitos na literatura. Os corpos negros, que são representados historicamente pelo viés da subalternidade, marginalizados,

infantilizados e hiperssexualizados na sociedade, são introjetados, por intelectuais da elite e geralmente brancos, no cenário da literatura por marcas daqueles citados estereótipos como bem aponta Domício Proença Filho (2004) e Eduardo de Assis Duarte(2022). Sodré em *História da literatura brasileira* observa que “Numa sociedade escravocrata, honrar o negro, valorizar o negro, teria representado uma heresia”. (Sodré, 1995, p. 268)

A escritora Conceição Evaristo envereda em sua produção de um elemento processual da escrita da literatura negra de romper essa instância ainda presente na contemporaneidade, ou seja, a atitude de enfrentamento de práticas discursivas silenciadoras e de elaborar e alimentar um projeto estético-literário que a mesma denomina *escrevivência*, usando seu próprio produto literário como exemplificação. No referido projeto, a memória de um povo potencializa a sua escrita e traz a experiência e a vivência da periferia para dentro da literatura, abrindo caminhos para ecoar as vozes e memórias culturais e ancestrais, termos bem alocados na prática escritural da própria Evaristo.

Assim, a memória multifacetada de um povo está acompanhada pela história de muitos. A favela não é só uma unidade, assim como as pessoas negras, uma vez que cada indivíduo possui suas próprias narrativas e vive a experiência da vida de uma maneira diferente, entretanto perfaz uma linha diretriz, um amálgama das condições e estruturas sociais, históricas, políticas nesse movimento. Por isso, no trânsito das questões da memória, insere-se o pensar, nas obras que elegemos para esse estudo, as visões dos deslocamentos espaciais e como isso afeta as personagens. Há, portanto, uma reflexão sobre violências nos afastamentos para determinados espaços ou de ausências de estruturas possibilitadoras para as permanências nos locais afetivos ou necessários para a sobrevivência.

Conceição Evaristo afirma na apresentação do romance *Ponciá Vicêncio* que, por muitas vezes, seus leitores a abordam em busca de autógrafos e a chamam pelo nome de seus personagens, mas não os corrige, pois acredita que suas obras confundem-se com suas próprias vivências que se entrelaçam como fios de um mesmo tecido, onde a ficção e a realidade andam juntas.

A nossa afinidade (Ponciá e eu) é tão grande, que, apesar de nossas histórias diferenciadas, muitas vezes meu nome é trocado pelo dela. Recebo o nome da personagem, de bom grado. Na con(fusão) já me pediram autógrafo, me abordando carinhosamente por Ponciá Evaristo e distraída quase assinei, como se eu fosse a moça, ou como se a moça fosse eu. (Evaristo, 2003, p.2)³

³ Conceição Evaristo é uma escritora, ensaísta e professora nascida em Belo Horizonte (MG), em 1946. Reconhecida por sua escrita marcada pela vivência da mulher negra, suas obras abordam temas como memória, ancestralidade, racismo, desigualdade social e resistência. É uma das principais vozes da

Evaristo transforma seus personagens em porta-vozes da sua própria história, se não uma fusão de si mesma, uma vez que narra sobre as opressões vividas por aqueles que têm seus corpos na linha de frente da subalternização e dos processos pelas quais a sua linhagem de mulher, negra, brasileira, pobre passou.

Diante disso, a escolha de dois romances de Conceição Evaristo nasce do desejo de explorar, mediante análise de elementos recorrentes em ambos, como os processos de desenraizamento e deslocamento são capazes de moldar e transformar a trajetória de personagens como *Ponciá Vicêncio* e *Maria-Nova*, em *Ponciá Vicêncio* e *Becos da memória*. Respectivamente. E perceber nessas narrativas, como elas se “(con)fundem” com a história de muitos. Este trabalho busca, portanto, comparar as trajetórias de Ponciá, em *Ponciá Vicêncio*, e Maria-Nova, em *Becos da Memória*, analisando os pontos de encontro e convergência na narrativa de vida dessas personagens. Ambas as protagonistas enfrentam o deslocamento forçado em suas histórias, expondo as consequências devastadoras desse processo de apagamento que impactam tanto de maneira individual, como coletiva.

Dessa forma, este trabalho irá se dividir em três pilares, com fins comparativos entre as obras de uma mesma escritora, a fim de observar os processos de controles de corpos negros, em uma sociedade estruturada geopoliticamente para a expulsão - ou manutenção - deles, a depender dos propósitos. A diáspora interna forçada de deslocamentos vários e violentos que emergem a política de invisibilidade e marcas ainda estereotipadas, fruto da convulsão elitista de afastamento estrutural de uma sociedade que separa por classes, tal como Lima Barreto já apontava no final do século XIX e início do XX sobre a pseudo-higienização-sanitarista que serviu a propósitos elitistas de cobrir a pobreza sem resolvê-la.

Inicialmente, discutiremos sobre o apagamento e a invisibilização de escritores negros e negras na literatura brasileira e como a autora Conceição Evaristo juntamente com outros escritores vem desenvolvendo papel fundamental em expor nos seus escritos, o eco de vozes silenciadas ao longo do tempo. O segundo pilar propõe a discussão sobre a auto representação e a memória viva como fator de resistência. O terceiro e último pilar busca analisar como os deslocamentos

literatura afro-brasileira contemporânea, sendo autora de romances como *Ponciá Vicêncio* (2003) e *Becos da Memória* (2006). A autora propõe o conceito de *escrevivência* como uma escrita atravessada pelas experiências do corpo negro, da marginalização e da resistência coletiva.

forçados, presentes nas obras *Ponciá Vicêncio* e *Becos da Memória*, impactam na vida das personagens *Ponciá Vicêncio* e *Maria-Nova*, evidenciando o desenraizamento de suas vivências causando o afastamento de seus lares. Além disso, busca-se compreender como esse processo reflete uma continuidade histórica forçada que remonta ao período escravocrata, já que a estrutura opressora permanece a mesma, uma vez que essas práticas continuam perpetuando-se sob máscaras diversas.

1. A INVISIBILIZAÇÃO DO NEGRO NA LITERATURA: CONTEXTO HISTÓRICO E APAGAMENTO NA HISTORIOGRAFIA LITERÁRIA.

A construção da identidade negra no Brasil tem seu início marcado pela herança escravista. O processo abolicionista apresentou uma falsa promessa de emancipação, uma vez que se apresentou como um jogo político, uma vez, que após a abolição, a população negra não angariou oportunidade de mudança substancial de vida que a tirasse do status da marginalização e empobrecimento, sem políticas públicas estruturais. De acordo com Cuti (1988), em sua obra *Literatura negro-brasileira* no período pós-abolição, os ex-escravizados permaneceram presos no ciclo de violência, uma vez que se deslocaram do campo para área urbana para continuar enfrentando situações semelhantes à do regime escravocrata que apenas se extinguiu formalmente.

Lélia Gonzalez (2020), corrobora a tese acima mencionada, ao afirmar em sua coletânea *"Por um feminismo latino americano"* que, no Brasil, o racismo se intensificou após a abolição da escravatura em 1888, uma vez que continuou beneficiando o grupo dominante. Em outras palavras, ex-escravizados permaneceram vivendo de forma precária, sem qualquer fonte de renda ou meio de subsistência. O autor Abdias Nascimento (2016) sustenta que essa estratégia é parte de uma estrutura que em nenhum momento demonstra interesse em se desfazer dessas práticas, ao contrário disso, reforça ainda mais essa submissão de pessoas negras a um lugar de subalternização, minando qualquer possibilidade de uma liberdade efetiva.

Nesse sentido, a população negra pós escravatura, diante da falta de estrutura e oportunidades, via-se obrigada a retornar à exploração, mesmo que fossem pessoas consideradas “livres” legalmente. De acordo com Gonzalez (2020, p. 39), do ponto de vista da classe dominante, o negro, apesar de ser considerado forro diante da lei, não consegue alcançar a ascensão social devido a estereótipos elaborados discursivamente sobre uma tal “preguiça” e

“irresponsabilidade”. Portanto, esse processo diante da disseminação dessas estereotípias podava a inserção dignificada da população negra que só conseguiria ter acesso, ocupar papéis considerados inferiores na sociedade. Esse discurso demonstra como o racismo é enraizado propositalmente à estrutura social brasileira, onde essa prática é naturalizada culturalmente, como forma de afastamento dos negros de algumas ocupações nos postos de trabalho sendo um mecanismo de manutenção de políticas excludentes que reforçam as desigualdades. Dessa forma,

[...] para Lélia, racismo é um fato concreto na sociedade brasileira e definidor de um modo de vida precário ao qual é submetida a população negra em razão de desigualdades estruturantes, que foi facilmente percebidas nos baixíssimos salários pagos a população preta, nos subempregos, nas dificuldades de lazer e à cultura, no acesso ao conhecimento [...] (Oliveira, 2024, p.5)

Esse histórico de desigualdade limitou a participação do negro em várias esferas da sociedade brasileira, pois é fundamentada na inferioridade e marginalidade de corpos negros, refletindo a estrutura escravocrata que sustentava a sociedade da época. A historiografia literária é um exemplo disso, já que o negro era representado como a camada mais inferior da sociedade. Sendo assim, as representações eram pautadas sob a ótica do grupo social dominante que minava a imagem das pessoas negras em papéis estereotipados (escravizados, serviçais, figuras exóticas, ou hipersexualizadas). Essa ideia preconcebida a respeito da imagem do negro reflete a realidade social da época, que o considerava apenas como força de trabalho.

Embora haja um debate crescente na atualidade sobre pautas raciais, é crucial destacar que nem sempre foi assim. Por um longo período, de acordo com Duarte (2013, p.146), na literatura brasileira o negro foi representado majoritariamente como *tema* dentro dessas produções, em vez de enunciador de suas próprias histórias. Essas representações predominam sob a ótica branca, em detrimento do negro. Homens e mulheres tiveram suas vozes silenciadas, pois, na visão do branco não tinham nada a dizer. No entanto, Ana Rita Santiago direciona para papel fundamental do sujeito enunciativo, da autorreferenciação como elemento de afirmação de uma literatura que diz de si e da história do negro:

A literatura negra, entretanto, não se caracteriza apenas pelos discursos sobre as dimensões específicas da condição do negro e pelas singularidades culturais, mas, acima de tudo, pelo sujeito da enunciação: há explicitamente entre escritores (as) negros (as), que se declaram inseridos na literatura negra, um empenho por inventar representações em que se revertam as que aparecem marcadas por exotismos e inferioridades. Há na literatura negra um eu/nós que se expressa, (auto) representando, por meio de simbologias e repertórios que insinuam deslocamentos de posições de negação e exclusão para vivências de promoção de empoderamentos. (Santiago, 2011, p.95)

Nesse sentido, mesmo diante da predominância de um discurso que marginaliza a figura do negro, esta população não permaneceu estática aguardando espaço. Ao contrário, buscou meios de intervir e participar, ainda que de forma limitada, para lutar pelo direito à palavra, como argumenta Souza (2010, p. 186) “os quilombos, as revoltas, as pequenas insubordinações são algumas das situações que ilustram este trabalho; entretanto, raras vezes, fala-se da educação, da escrita em jornais, revistas e livros como atividades de rejeição tácita à coisificação.”. Cuti, em seu poema “‘Para ouvir e entender’ Estrela”, evidencia os traços simbólicos de avançar para conquistar; investir para resistir; “nomear, para tornar visível”, para existir como Bernd também indica.

Zilá Bernd (1988, p.184-185) ainda traz uma discussão plausível sobre a temática, em sua obra *Introdução à literatura negra*, ao afirmar que as produções literárias em que o negro assume o papel de enunciador são vistas como uma ameaça pela classe dominante. Isso ocorre porque essas produções desafiam a literatura hegemônica, que historicamente retrata o negro como figura inferior. Essa estratégia de representar o negro como menos capacitado foi um dos meios utilizados pela classe dominante para excluí-lo da produção intelectual da época, uma vez que essa atividade era vista como um privilégio exclusivo das elites, fora o processo educacional direcionado para alguns poucos. Reforçando essa ideia, Souza afirma:

[...] o trabalho intelectual no Brasil sempre foi visto como atividade praticamente exclusiva das elites culturais. Pés e mãos dos senhores para fazer, andar e construir eram/são os negros, enquanto que a cabeça e todo o simbolismo que ela carrega na tradição ocidental eram/ estão restritos ao branco, isto é, ao homem branco, senhor de terras, mulheres, escravos, artes e saberes. (Souza, 2010, p.185)

A referida autora discute como esse silenciamento trouxe dificuldades, uma vez que o negro não conseguia se inserir nas produções, o que resultou na exclusão e no apagamento na historiografia literária brasileira. Segundo Bernd (1988, p. 22-23), “é possível afirmar que a literatura negra surge como uma tentativa de preencher vazios criados pela perda gradativa de identidade determinada pelo longo período em que a “cultura negra” foi considerada fora-da-lei [...]”. Nesse sentido, para alguns estudiosos o conceito de literatura negra, ainda está em construção dentro do campo literário, uma vez que, conforme argumenta Eduardo de Assis Duarte (2008), o cânone literário ignorou múltiplas produções que questionavam as hierarquias

estabelecidas na historiografia literária. Portanto, “essa literatura não só existe como se faz presente nos tempos e espaços históricos de nossa constituição enquanto povo; não só existe como é múltipla e diversa.”

Nesse mesmo contexto, Zilá Bernd apresenta contribuições importantes em *"O que é literatura negra?"* no qual busca definir o conceito do que seria essa literatura negra e como ela se impõe à historiografia literária brasileira. Segundo a autora, “a consciência de um "existir negro" e de um passado histórico comum determinam a existência.” Assim, ao compreender sua realidade, a população negra poderá resistir por meio da palavra contra um sistema que tenta historicamente apagar as subjetividades e a memória coletiva de um povo. Bernd argumenta que:

Diante desta negação de seu eu, de sua consciência de toda a comunidade à qual pertence, o negro se revolta contra a ordem colonialista onde ele é "aquele - que - é - olhado" e o branco "aquele que olha". Daí o movimento de transformação dos modelos literários oferecidos pelo discurso dominante. (Bernd, 1988 p. 29)

Nesse sentido, o distanciamento do negro desses espaços não é coincidência, mas sim um processo estrutural, que terá um impacto significativo em provocar uma tradição literária brasileira excludente ao não se importar em apresentar o negro como produtor do conhecimento ou dar ênfase às obras produzidas por ele. Zilá Bernd, no já referido *Introdução à literatura negra*, discute o conceito de *contra-literatura*, uma vez que, na produção literária brasileira, muitos autores negros eram marginalizados e, desse modo, precisavam encontrar caminhos para resistir a essas narrativas hegemônicas, que na grande maioria das vezes sobrepujam suas vozes e marginalizavam a figura do negro. Portanto, muitos autores ficavam sob a sombra dessas representações.

Dessa forma, como maneira de resistir a esse sistema, muitos autores criam uma literatura de resistência, conhecida como uma vertente contrária, ou seja, uma *contra-literatura*. A literatura negra, além de desafiar o cânone literário, surge das insurgências sociais, uma vez que quebra paradigmas da época, como afirma Ana Rita Santiago:

[...] provoca a tradição literária brasileira no que se refere ao que se vislumbra como cultura e identidade nacional homogênea e singular, uma vez que permite compreender, no campo imaginário, uma escrita marcada pela diversidade e também por cenas e agendas de formações discursivas sobre o tornar-se negro/a no Brasil. (Santiago, 2010, p. 97)

Assim, a literatura negra terá o papel de ecoar vozes silenciadas e questionar narrativas dominantes. Ao afirmar sua identidade e reivindicar espaço, ela abrirá caminho para que as vivências e subjetividades negras sejam compreendidas a fim de contestar visões pré-estabelecidas sobre o negro na sociedade brasileira.

2. AUTO REPRESENTAÇÃO E A MEMÓRIA

Na contextualização histórica referente à condição da mulher negra e as diversas violências perpetradas pelo sistema escravocrata, que ora aqui nos interessa diante de uma eleição de uma produção literária escrita por uma mulher negra, há uma fortuna de estudos que apresentam a exploração da força de trabalho da mulher negra e as diversas instâncias de violências outras perpetradas, tais como abusos sexuais e violências psicológicas. Eram comumente reduzida à condição de objeto de satisfação aos senhores e sem chances palpáveis de se desvencilhar desse ciclo de violência. Mesmo após a abolição da escravatura, suas chances de movimentação fora dessa estrutura de cercamentos e abusos diversos eram difíceis, uma vez que esse sistema permaneceu com essas práticas por vezes revestidas de outros jogos simbólicos na contemporaneidade.

Gonzalez (2020) observa-se que a mulher negra não só está na linha de frente da pobreza, como também ocupa um lugar de subalternização que é naturalizado por uma estrutura patriarcal que a coloca como inferior. A autora afirma que a trajetória é marcada pela tripla violência: além do contexto racial, também teremos a questão de gênero e de classe. Diante disso, as mulheres negras ocupam uma posição maior na exploração uma vez que se veem obrigadas a se desdobrar em diversas funções, geralmente no exercício de atividades que socialmente se atribuem a elas e onde se introjetam permanências daquela estrutura. Ou seja, “ser negra e mulher no Brasil, repetimos, é ser objeto de tripla discriminação, uma vez que os estereótipos gerados pelo racismo e pelo sexismo a colocam no nível mais alto de opressão.” (Gonzalez, 2020,p.58).

Historicamente, essas mulheres permaneceram como figuras centrais da exploração, já que, estruturalmente, prevalece a visão de que, por regra, elas precisariam exercer apenas o papel considerado servil ou em frentes de trabalho manual, muitas vezes considerados subalternos para serem exercidos por pessoas consideradas brancas ou ocupantes de classe média. Gonzalez enfatiza, naquele direcionamento mencionado acima, que a mulher negra é historicamente exposta

a esse papel de servir aos senhores, ao marido, além de ainda precisar cuidar de sua casa e seus filhos, nessa linha recorrente de “mulher proletária”, ilustrado aqui na poética de Jorge de Lima que bem ilustra essa senda cíclica de sistema patriarcal, pensando no fio contínuo entre passado e presente das explorações em camadas da mulher. Corroborando essa perspectiva, Conceição Evaristo (2009) indica a noção exata dessa rede de desdobramento simbólico e concreto da imagem da mulher negra, mesmo, ou principalmente, nas representações estéticas: “ficção ainda se ancora nas imagens de um passado escravo, em que a mulher negra era considerada só como um corpo que cumpria as funções de força de trabalho, de um corpo-procriação de novos corpos para serem escravizados e/ou de um corpo-objeto de prazer do macho senhor”.

Esse cenário revela a realidade de muitas mulheres negras, cujas marcas dessas vivências ainda ecoam na história.

No período que imediatamente se sucedeu à abolição, nos primeiros tempos de “cidadãos iguais perante a lei”, coube à mulher negra arcar com a posição de viga mestra de sua comunidade. Foi o sustento moral e a subsistência dos demais membros da família. Isso significou que seu trabalho físico foi decuplicado, uma vez que era obrigada a se dividir entre o trabalho duro na casa da patroa e as suas obrigações familiares. (Gonzalez 2020, p.33)

Diante disso, a experiência das mulheres negras foi, por muito tempo, narrada sob a ótica do outro, um olhar atravessado por estigmas e marcado pela exploração. Essas representações foram moldadas por perspectivas externas que reforçam estereótipos e silenciavam vozes negras femininas. Nesse sentido, não havia espaço para que essas mulheres fossem ouvidas e tivessem suas vivências validadas, pois, como eram constantemente desumanizadas, as suas subjetividades também eram negadas. Afinal, se eram vistas apenas a partir dessa ótica, como poderiam ser representadas de forma justa? Nesse sentido, Conceição Evaristo (2009) aponta que “percebe-se que a personagem feminina negra não aparece como musa, heroína romântica ou mãe. Mata-se no discurso literário a prole da mulher negra, não lhe conferindo nenhum papel no qual ela se afirme como centro de uma descendência”.

Dessa forma, essa urgência surge da necessidade de desmistificar estereótipos que foram impostos a essas mulheres, uma vez que historicamente são representadas como objetos de exploração. Assim, a busca por representações autênticas torna-se em um cenário atual urgente, uma vez que as mulheres negras são sujeitas de saber, de memória e de resistência. É desse

movimento que a necessidade de autoafirmação cresce imperiosa, ou seja, através dessa resistência, torna-se urgente discutir os atravessamentos que unem as mulheres negras.

Nesse sentido, a autorrepresentação funcionaria como ferramenta de reconstrução identitária, e o resgate da memória que antes fora marcada pela herança exploratória. É com base nessa perspectiva que temos a figura de Conceição Evaristo, escritora negra brasileira que desenvolve em suas narrativas, um novo jeito de “contar” a história sem base embranquecida onde busca preservar a herança negra. A memória é um fator marcante nas suas narrativas, já que é por meio do resgate dessa memória que a autora traduz a experiência coletiva e individual da população negra, resgatando a história que antes fora invisibilizada.

É por meio dessas experiências que a autora caminha para reverberar vozes silenciadas, seja de outras, seja a própria voz dela, sendo uma mulher negra, autorreferenciada a partir de seus discursos acadêmicos, entrevistas, encontros ou, no que aqui nos interessa, mediante o exercício artístico da elaboração de personagens que transitam esse universo, seja nas representações de tantas outras mulheres anônimas negras. Assim, “escrivência, em sua concepção inicial, se realiza como um ato de escrita das mulheres negras, como uma ação que pretende borrar, desfazer uma imagem do passado, em que o corpo-voz de mulheres negras escravizadas tinha sua potência de emissão também sob o controle dos escravocratas, homens, mulheres e até crianças.” (Evaristo, 2020, p.30)

Nesse contexto, Evaristo transpõe para sua produção literária a reafirmação da identidade negra, de contrapor-se aos mecanismos de estereótipos plantadas da seara colonialista. Assim, pode resgatar aspectos que antes foram marginalizados dentro da literatura canônica, transformando em um discurso que passa a ser emancipador e insurgente. Além disso, a autora traz nas suas narrativas a posição do *eu enunciator*, onde o negro passa a assumir o controle da própria narrativa a partir de seu olhar e suas vivências, como afirma a autora Zilá Bernd:

Esse eu lírico em busca de uma identidade negra instaura um novo discurso — uma semântica do protesto — ao inverter um esquema onde ele era o Outro: aquele de quem se condoíam ou a quem criticavam. Passando de outro a eu, o negro assume na poesia sua própria fala e conta a história de seu ponto de vista. Em outras palavras: esse eu representa uma tentativa de dar voz ao marginal, de contrapor-se aos estereótipos (negativos e positivos) de uma literatura brasileira legitimada pelas instâncias de consagração. (Bernd, 1988, p.50)

Nesse sentido, as enunciações de Conceição ganham forma por meio de suas obras e trazem o traço de uma linha discursiva amparada numa ancestralidade, linguagem, temática, visão de mundo, história e cultura que sinalizam para os critérios categorizadores da escrita negra apontados por Eduardo de Assis Duarte em “Literatura afro-brasileira, um conceito em construção” (2013) ou ainda, pensando na perspectiva de Ana Rita Santiago (2010), o ideário de uma assunção de escrita negra realizada por mulher e com ela toda as especificações plausíveis de se entender a natureza de eleições temáticas e de aporte de referências e linhagens de autoria feminina.

Um exemplo do que apontamos acima é *Ponciá Vicêncio*, romance publicado em 2003, que apresenta a trajetória de Ponciá, uma jovem negra que decide sair do campo para a cidade, em busca de uma vida melhor. A narrativa acompanha a trajetória solitária e íntima de uma personagem que decide enfrentar a vida fora da vila em que cresceu. No entanto, vemos a protagonista sentir o vazio de estar longe dos seus para alcançar uma vida melhor, onde se depara com uma sociedade hostil que exclui e oculta sua existência. Ponciá carrega consigo a fragmentação de si mesma, onde os sonhos, desejos parecem se afastar a cada dia devido a herança que lhe é imposta sem que tenha o direito de negar, assim como as mulheres negras de seu tempo, onde não havia escolhas, a não ser seguir o que era imposto a elas. A narrativa é uma constante busca de compreensão identitária com sua ancestralidade, uma vez que a personagem se sente deslocada distante do seu núcleo, onde o único elo que a liga aos seus é tecido por meio da memória.

Essa relação entre identidade e memória é pauta também no romance *Becos da Memória*, romance publicado tardiamente no ano de 2006 que tece um caminho coletivo onde acompanhamos *Maria-Nova* e sua comunidade enfrentando um processo invasivo, descrito na obra como "desfavelamento". Ou seja, as famílias eram expulsas da comunidade em que viviam tendo que deixar seus lares tal qual no período escravista, onde a população negra fora arrancadas de seu lugar de origem e teve que se locomover de maneira forçada. A obra não só evidencia as marcas do passado, mas denuncia como a desemprego que circunda corpos negros permanece na atualidade, sendo os deslocamentos forçados um processo doloroso e historicamente violento, trazendo a marca de uma espécie de *continuum* secular.

3. ENTRECruzando MEMÓRIAS: O QUE UNE PONCIÁ VICÊNCIO E MARIA-NOVA?

Nos romances *Becos da Memória* e *Ponciá Vicêncio* nos deparamos com os atravessamentos de vida de duas personagens marcantes: Ponciá, uma menina- mulher fragmentada pela herança familiar, e Maria Nova, uma menina que carrega a urgência de ser voz. Embora suas trajetórias sejam distintas, carregam dentro de si a urgência de construir um mundo diferente daquilo que é apresentado a elas. Apesar das diferenças, é na memória individual e coletiva que as personagens constroem o elo que entrelaça suas existências.

Em ambos os romances, acompanha-se constantemente, seguindo os passos dos personagens, um mecanismo sistemático que promove a morte simbólica de um povo. Em *Ponciá Vicêncio*, por exemplo, a protagonista engendra-se na narrativa carregada de um trauma geracional que persegue sua família, carregado no seu próprio nome, *Ponciá Vicêncio*, as marcas da memória escravocrata que gerou na sua construção a perpetuação das violências. “O tempo passava, a menina crescia e não se acostumava com o próprio nome. Continuava achando o nome vazio, distante” (Evaristo, 2006, p.26). A menina não gostava, não se identificava, pois sabia que o sobrenome advém de seu avô, ex- escravizado.

Além disso, o nome Vicêncio, nesse contexto advém do proprietário de terras onde Ponciá vive. Nesse sentido, esse nome carrega a ideia de perpetuação da escravidão, uma vez que continua ecoando ao longo da história. Essa permanência simboliza a continuidade da ideia de posse, configurando-se como violência simbólica que marca não apenas a família de Ponciá, mas todos que moram em sua vila. Mesmo libertos, permaneceram metaforicamente presos, rememorando, de forma contínua as violências que atravessam o tempo.

Antes mesmo de Ponciá nascer, seus familiares foram forçados a romper laços, uma vez que por ser descendente de povos que foram escravizados, em que gerações antecessoras as suas carregam rupturas cruéis, como é o caso de vô Vicêncio, personagem esse que aparece sempre nas memórias de Ponciá, mesmo que tenha tido contato por pouco tempo.

Marcado pelo desespero diante da máquina escravista e cansado de tantas humilhações, o tal vô Vicêncio tornou-se uma vítima, onde em meio a tantos traumas, decide de maneira brutal acabar com a dor; mesmo a ruptura com a dor seja por um espectro da violência contra si e seus próximos, há a simbologia traumática de desvencilhar-se de um processo perverso e desumanizador. Portanto, o ato de quebrar um ciclo de exploração de um mundo vislumbrado como sem saída, indicaria as vias para mitigar a dor: a libertação pela morte, mas a libertação! Em

um momento de profundo desespero, esse personagem tão marcante toma a trágica decisão de ceifar a vida de sua esposa e em seguida tenta dar um fim em sua própria vida. Tal atitude é vista como momento de insanidade, porém esse corpo reagiu diante da desumanização imposta a ele, uma vez que para o sistema escravocrata, o corpo negro ocupa lugar de coisa/objeto.

Segundo Grada Kilomba (2019), para enfrentar as violências constantes, muitas vezes o sujeito negro é forçado a se abster da própria existência, como forma de resistência ao sistema, “assim o suicídio pode também emergir como um ato de tornar-se sujeito. Decidir não mais viver sob as condições do senhor branco é uma performance final, na qual o sujeito negro reivindica sua subjetividade” (Kilomba, 2019, p. 188). Nesse contexto, o sujeito negro prefere abdicar de sua existência como forma de combate ao sistema escravocrata. Dessa forma, essas feridas tornaram-se cicatrizes que ficaram marcadas na história de *Ponciá* e sua família.

Ponciá cresceu repleta de ausência, e como consequência disso, enfrentou o distanciamento de suas referências. Seu pai por exemplo, pouco via pois estava sempre longe de seu lar, trabalhando na terra dos brancos.

PONCIÁ Vicêncio se lembrava pouco do pai. O homem não parava em casa. Vivia constantemente no trabalho da roça, nas terras dos brancos. Nem tempo para ficar com a mulher e filhos o homem tinha. Quando não era tempo de semear, era o tempo de colheita, e ele passava o tempo todo lá na fazenda. (Evaristo, 2003, p.16)

Nesse sentido, a personagem parecia carregar o peso da ausência, como se estivesse sempre em busca de recompor pedaços de si, tal ausência acompanhou Ponciá desde sua infância, uma vez que no seu cotidiano era comum ter apenas a companhia de sua mãe. “fora criada sozinha, só com a mãe. Tinha mais um irmão que pouco brincava com ela, pois acompanhava o pai no trabalho da roça, nas terras dos brancos. Ela e a mãe ficavam dias e dias sem ver os dois.” (Evaristo, 2006, p.20)

Diante da sensação de não pertencimento com seu lugar de origem, *Ponciá* decide sair da vida no campo e ir para a cidade, com a esperança de ter uma vida melhor onde irá proporcionar qualidade de vida para si e para seus familiares. Se o campo é um lugar de perpetuação de violências simbólicas e estruturais para as pessoas negras, talvez a cidade seria a esperança de uma vida digna.

Quando Ponciá Vicêncio resolveu sair do povoado em que nascera, a decisão chegou forte e repentina. Estava cansada de tudo ali. De trabalhar o barro com a mãe, de ir e vir às terras dos brancos e voltar de mãos vazias. De ver a terra dos negros coberta de plantações, cuidadas pelas mulheres e crianças, pois os homens gastavam a vida trabalhando nas terras dos senhores, e, depois, a maior parte das colheitas serem entregues aos coronéis. (Evaristo, 2003, p.31)

No entanto, essa expectativa de ascensão social logo se desfez, uma vez que a cidade é território onde a marginalização contra a população negra ainda persiste de forma estrutural. Na sua primeira noite na zona urbana, Ponciá, se viu desamparada, enfrentando o impacto de estar distante dos seus, imersa numa solidão, acompanhada pelo medo e a incerteza da nova vida que destinada a ela. A sensação de estar submersa em incertezas, é intensificada na hora de dormir, quando Ponciá fica frente a um homem em situação de rua:

Um mendigo dormia profundamente do lado dela, mas de vez em quando se batia todo. Desejou estar no trem, estar de volta. Escondeu o rosto sobre a trouxa que estava no colo e bem baixo, quase silenciosamente, quase escondida de si própria, chorou. (Evaristo, 2003, p.36)

Conceição Evaristo transforma essa vulnerabilidade em uma denúncia literária, registrando uma experiência comum a muitos corpos negros: o sonho de uma vida melhor frustrado por uma estrutura social que marginaliza. Nesse sentido, a autora resgata a memória silenciada de um povo, mobilizando a literatura como uma ferramenta desilenciadora.

Relacionando com as vivências de Ponciá, acompanhamos em *Becos da Memória* a trajetória de Maria-Nova que assim como a protagonista de *Ponciá Vicêncio* também carrega consigo cicatrizes históricas de uma política de extermínio contra pessoas negras. A obra apresenta uma visão multifacetada da vida na favela. Em *Becos da Memória*, a voz que ecoa na narrativa é coletiva, uma vez que somos atravessados pela curiosidade de *Maria-Nova* nos tornamos ouvintes das narrativas apresentadas por ela.

A favela é plural, e em *Becos da Memória* essa pluralidade é sinalizada por uma diversidade de corpos e histórias visto pelo olhar de uma menina. Curiosa e sensível, ela vai costurando os fios da narrativa, apresentando os moradores e o cotidiano de sua comunidade. Enquanto a sociedade banaliza as vivências de corpos marginalizados, *Maria-Nova* nos apresenta entre as vielas da favela a história de cada um.” Homens, mulheres, crianças se amontoaram dentro de mim, como amontoados eram os barracos de minha favela.” (Evaristo, 2006, p.21).

Nesse sentido, Maria, é muito mais do que somente uma menina curiosa, ela ouve, mas não é somente uma ouvinte, muito pelo contrário, ela é atravessada pelas histórias que escuta, tornando-

se guardiã dessas memórias. Diante da política de desfavelamento, Maria se sente parte das tensões que assombram a comunidade em que vive. A violência, nesse contexto, é uma constante no cotidiano dos moradores das comunidades, onde seus moradores enfrentam o processo de morte em vida, conceito formulado em seu ensaio intitulado *Necropolítica* pelo escritor Achille Mbembe (2018). De acordo com o autor, a necropolítica determina o modo como as pessoas devem viver e o modo que devem morrer, e nesses tais modos percebemos que as personagens-protagonistas de Evaristo nas obras aqui tratadas caminham na linha tênue do equilibrar-se para existir, resistir e permanecer, apesar de... Ou seja, ainda não morreram apesar do processo de expulsão afetiva, o afastamento dos corpos de espaços demarcados, os processos de favelização ou de desfavelização forçada, ao bel-prazer do sistema capitalista e elitista. E, nesse permeio, o jogo de memórias que se elabora para não se perder pelos caminhos daqueles que apontam os que devem morrer ou silenciar.

Em *Becos da Memória* esse processo não é abstrato, é vivido na pele pelos personagens na narrativa. A população sofre com o desfavelamento onde são relegados ao abandono, sem amparo do Estado. Este, pelo contrário, faz questão de reforçar o descontentamento daquelas pessoas ocupando a zona urbana e não é à toa que promovem estratégias para erradicação da favela, forçando todos que ali moram a se deslocar. A favela se torna um espaço de gentrificação, evidenciando como a remoção das pessoas da comunidade representa a negação da vida legítima, e o apagamento físico e simbólico.

Nesse sentido, sentir-se pertencente a um lugar não é a realidade de pessoas negras. *Ponciá* parece se fragmentar, ao sair do meio rural e migrar para a zona urbana. Acredita que estando na cidade terá mais oportunidades de vida, porém a realidade desdobra-se com as mil facetas diferentes do que se é esperado, das expectativas alimentadas. Isto é, a falsa sensação de que se fosse para cidade teria uma vida melhor, por Maria *Nova*, que mesmo vivendo na zona urbana, vive uma vida marcada pela falta de suporte, como o abandono do Estado, a exclusão social onde são marcados pela constante experiência de violência.

(...) desfavelamento recomeçara. E recomeçara bravo. Os homens exigiam a saída rapidamente dos moradores. Que se juntassem logo os trapos! Quem escolhia os tijolos e as tábuas, pelo menos, tinha um pouco de material que permitia erguer um barraco em outra favela qualquer. (Evaristo, 2006, p.85)

Pessoas negras estão todos os dias vivendo em condição de morte social. Esse contexto é visível na trajetória de Maria-Nova e em sua comunidade, pois ao longo da narrativa visualizamos pessoas vivenciando racismo, pobreza e exclusão social. Ponciá, por sua vez, desde o seu nome carrega vestígios de uma herança escravocrata remetendo aos senhores brancos que foram responsáveis por todas as violências e humilhações sofridas por seus ancestrais.

Ponciá sente esse esvaziamento identitário pela falta de referências; Maria-Nova é tomada por excessos. O desenraizamento se dá pela ameaça de despejo e o desmonte de seu lar, reforçando a marginalização dessas pessoas. Já em *Ponciá Vicêncio* o deslocamento forçado compõe esse mesmo processo.

Nem tempo de se despedir do irmão teve. E agora, ali deitada de olhos arregalados, penetrados no nada, perguntava se valera a pena ter deixado a sua terra. O que acontecera com os sonhos tão certos de uma vida melhor? Não eram somente sonhos, eram certezas! Certezas que haviam sido esvaziadas no momento em que perdera o contato com os seus. E agora feito morta-viva, vivia. (Evaristo, 2003, p.30)

No trecho apresentado, “Certezas que haviam sido esvaziadas no momento em que perdem o contato com os seus”, remetemo-nos novamente ao mencionado da ideia de Mbembe sobre a necropolítica, mas com um direcionamento de não estar nem totalmente lá, nem cá no território do existir ou estar naquela espécie de limbo da inexistência talvez mais violenta e cruel porque perfaz o desenraizamento tocado pela violência da ausência dos seus laços afetivos: “E agora feito morta-viva, vivia”. (Evaristo, 2003, p.30)

Ponciá fragmenta-se de si, de seus familiares e fia-se na memória evocada. Em ambas as narrativas, observamos como as protagonistas percebem e vivenciam as violências, em que estão submetidas ainda que sob perspectivas distintas. Nas obras citadas, é possível perceber como a referida memória é um fator inclusive de preservação de si e de sua história apesar das sucessivas impermanências materiais e de acessos. Em *Becos da Memória*, há uma construção narrativa polifônica, espécie de mosaico de memórias coletivas que marcam para além do individual, pois é por meio dela que Maria-Nova consegue se conectar com o passado e o presente, sendo capaz de entender sua própria história buscando formas de resistência. Em *Ponciá Vicêncio*, a memória traz um aspecto muito forte na trajetória da protagonista. Em seu caminho solitário, a protagonista se apega à lembrança dos seus para se manter sã e não se esquecer da sua essência, pois suas lembranças são só suas e marca sua identidade.

Em meio a tantas histórias, Maria-Nova nos apresenta fragmentos que nem sempre lhe pertencem, mas que as histórias muitas vezes a preenchem como se fossem suas. Nesse sentido, as

narrativas das pessoas na favela traziam entrelaces, identificação, uma vez que as dores, afetos também fazem parte da sua construção.

Maria-Nova tinha, talvez tivesse o banzo no peito. Saudades de um tempo, de um lugar, de uma vida que ela nunca viverá. Entretanto o que doía mesmo em Maria-Nova era ver que tudo se repetia, um pouco diferente, mas, no fundo, a miséria era a mesma. O seu povo, os oprimidos, os miseráveis; Em todas as histórias, quase nunca eram os vencedores, e sim, quase sempre, os vencidos. A ferida dos do lado de cá sempre ardia, doía e sangrava muito. (Evaristo, 2006, p.63)

A dor de Vicêncio, no outro romance, aqui permanece, entretanto Maria-Nova assume-se um caminho para papel de porta-voz da personagem frente ao abandono social e a política do desfavelamento, política essa intencional e com propósitos bem marcados. Isto é, ao longo da narrativa, deslinda-se a política urbana que tem como intenção erradicar a favela: o sistema trabalha para o extermínio simbólico e físico das pessoas que lá vivem. A recusa do olhar estatal sobre esses sujeitos marca as vivências de cada personagem.

Na narrativa, Maria enxerga todos que moram em sua comunidade como pessoas reais, com seus defeitos e qualidades, mas acima de tudo humanas. No olhar da sociedade, o marginal não é nada e nem ninguém. Mas, através do olhar de Maria-Nova e as memórias elaboradas e reelaboradas apontam para o circuito de uma realidade social, apresentadas as lutas diárias e a denúncia do descaso das instituições públicas que se movem no processo de destruição de lares, ou reposição de espaços, de quem ali vive. Dali, a visão perpetuada de favelas como lugares sujos e tomados pela violência, que apenas atrapalham o desenvolvimento das zonas urbanas. Assim, “Maria-Nova andava pelos terrenos recentemente desocupados com poeira-tristeza-lágrimas nos olhos. No local onde estavam os barracos dos que tinham ido pela manhã, agora só restava um grande vazio. Era como um corpo que aos poucos fosse perdendo os pedaços. Sentiu dores”(Evaristo, 2006, p.87). Mesmo sentir doloroso do Vô Vicêncio lá em Ponciá, mas a esperança de melhoras, não mais pela aniquilação de seu corpo nem dos seus, mas pela própria consciência da realidade. Esperança que, mesmo recorrendo em última instância a símbolos de religiosidade, como demonstra a citação a seguir, há o desejo de preservação de seus espaços.

Maria-Nova sabia que a favela não era o paraíso. Sabia que ali estava mais para o inferno. Entretanto, não sabia bem por quê, mas pedia muito à Nossa Senhora que não permitisse que eles acabassem com a favela, que melhorasse a vida de todos e que deixasse todos por ali. Maria-Nova sentia uma grande angústia. Naquele momento, sua voz tremia, tinha vontade de chorar. (Evaristo, 2006, p.46)

Dessa forma, a personagem se posiciona como parte de uma linhagem de continuidade de saberes ancestrais ecoados pela vida na favela. Já em *Ponciá Vicêncio*, a narrativa explora intensamente a subjetividade da protagonista, suas dores e suas memórias, enquanto tenta se reconectar com sua essência e seus elos identitários. Ao longo da narrativa, enfrenta um sentimento de vazio por estar longe dos seus. Esse distanciamento leva a personagem a enfrentar o adoecimento mental e psicológico ao longo da trama.

Além disso, como estava distante de sua família, da sua base e não conseguiu constituir a sua própria família, isso sempre a afetou, onde estava sempre com sentimento de angústia e ausência dentro de si. Esse caminho é solitário, pois acreditava que nunca iria conseguir se sentir inteira novamente. Tentou formar família, mas perdeu todos os filhos que tentou carregar, sua vida foi tomada por muitas perdas. Diferente de Ponciá, Maria-Nova não sucumbiu a essa ausência, pois estava tomada de muitas vozes, onde não aceitava o desmonte de seu lar, não apenas seu, mas o de toda a comunidade, eram muitas vozes, vivências, vidas. Ou seja, o ecoar vozes representava a resistência por meio da coletividade, de histórias próprias, mas que evocam a persistência.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O ponto central desta pesquisa teve como objetivo analisar como o apagamento e a invisibilização de corpos negros na literatura e como afeta as personagens *Ponciá* e *Maria-Nova* nos romances *Ponciá Vicêncio* (2003) e *Becos da Memória* (2006) da escritora Conceição Evaristo. Ao longo deste trabalho, discutimos de que maneira esses sujeitos foram afetados historicamente por um sistema que sempre os excluiu.

Nesse sentido, resgatamos para nossa análise, a discussão de como a literatura canônica mantém os estereótipos retificadores de invisibilização sobre o negro. Nessa perspectiva, argumentamos sob o olhar teórico de Lélia Gonzalez (2020) e Zilá Bernd (1988) como essa prática de apagamento do negro na literatura não é acidental, mas parte de um sistema estrutural de exclusão que reflete diretamente na produção literária. Entretanto, na análise das obras observa-se os mecanismos possíveis de resistência, seja pelos próprios critérios categorizadores de uma escrita

que se possa firmar como afrodescendente, como bem observa Eduardo de Assis Duarte, seja pelo apontar no esteio estético dos romances as recorrentes tentativas estratégicas de desvanecimento de grupos sociais historicamente e as possibilidades de caminhos de resistência, embora pareça inócuo e aparentemente intransitável.

Ao longo dessa discussão, a memória emerge como fio de resistência, frente ao apagamento estrutural, apontando diretamente para as ações e consequências da organização social no qual se movem personagens negros. Através da autorrepresentação, as memórias, dores tornam-se trajetórias de lutas, uma vez que, o que o sistema visa apagar e manter esquecido. Conceição Evaristo, escritora afro-brasileira, elabora uma escrita que parte das perspectivas de agenciar memórias coletivas e individuais de um povo, centrando-se no constructo de duas personagens mulheres que protagonizam situações de violências simbólicas e concretas da sociedade brasileira.

Nesse processo, nas obras eleitas aqui para análise, percebemos o sentido de arregimentar a história de si e dos outros que vivem em situações históricas de deslocamentos forçados, cortes de laços familiares provocados por um circuito depredador de um sistema excludente. Enquanto Ponciá caminha sozinha em busca de sua identidade, Maria-Nova está sempre acompanhada do eco de memórias coletivas. Ambas as obras evidenciam, deste modo, as vozes marginalizadas, mas a tentativa de reconstrução mediante artifício da memória. Ela aparece como elo conectando o passado e o presente ao mesmo tempo que evoca a construção de narrativas dentro da história literária parelha a um caminho de assunção afro feminina nos espaços da escrivência.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BERND, Zilá. **Introdução à literatura negra**. Porto Alegre: Sagra-Dc Luzzatto, 1988.
- CARMO, Bougleux Bomjardim da Silva; FIGUEIREDO, Denise de Lima Santiago (orgs.). **Trânsitos linguísticos e literários: espaços entre teoria, cultura e formação docente**. São Paulo: Pimenta Cultural, 2020.
- CUTI. **Literatura negro-brasileira**. São Paulo: Selo Negro, 2010.
- DUARTE, Eduardo de Assis. Literatura afro-brasileira: um conceito em construção. In: DUARTE, Eduardo de Assis (org.). **Literatura e afrodescendência no Brasil: antologia crítica**. Belo Horizonte: UFMG, 2013. v. 1, p. 17-28.

EVARISTO, Conceição. **Becos da memória**. São Paulo: Editora Palas Athena, 2006.

EVARISTO, C. **A escrevivência e seus subtextos**. In: DUARTE, C. L.; NUNES, I. R. (org.). **Escrevivência: a escrita de nós**: Reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo. Rio de Janeiro: Mina de Comunicação e Arte, 2020.

EVARISTO, Conceição. Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade. **Scripta**, Belo Horizonte, v. 13, n. 25, p. 17–31, 2009. Disponível em: <https://periodicos.pucminas.br/scripta/article/view/4365>. Acesso em: 06 junho. 2025.

EVARISTO, Conceição. **Ponciá Vicêncio**. Rio de Janeiro: Mazza Edições, 2003.

GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano**. Organização: Flávia Rios; Márcia Lima. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

KILOMBA, Grada. **Memórias da Plantação**. Episódios de Racismo Cotidiano. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

MBEMBE, Achille. **Necropolítica**. Tradução de Renata Santini. São Paulo: n-1 edições, 2018.

NASCIMENTO, Abdias. **O genocídio do negro brasileiro**: processo de um racismo mascarado. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 2016.

OLIVEIRA SILVA, Elivanda. “Racismo e sexismo no Brasil: o que o feminismo de Lélia Gonzalez nos ensina?”. *Revista de Filosofia Aurora*, Curitiba: PUCPRESS, v. 36, e202431371, 2024. DOI: <https://doi.org/10.1590/2965-1557.036.e202431371>.

SILVA, Ana Rita Santiago da. Da literatura negra à literatura afro-feminina. **Via Atlântica**, São Paulo, v. 11, n. 2, p. 91–102, 2010. DOI: 10.11606/va.v0i18.50743. Disponível em: <https://revistas.usp.br/viaatlantica/article/view/50743>. Acesso em: 06 junho. 2025.

SILVA, Régia Agostinho da. “Nísia Floresta e Maria Firmina: a nacionalidade pela voz de duas precursoras do feminismo”. *Contexto – Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras, Vitória*, v. 17, n. 30, p. 1–12, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/contexto/article/view/30151>. Acesso em: 20 maio. 2025.

SOUZA, Florentina da Silva. “Autorrepresentação e intervenção cultural em textualidades afro-brasileiras”. *Revista da ABPN*, Salvador, v. 1, p. 183–194, 2010.